

A criança no 2º setênio

Nossas crianças entram atualmente para a escola no limiar do 2º setênio. A passagem para o ensino médio ocorre no 3º setênio. O professor de classe que as acompanham em todos esses anos, toma-se, portanto, a figura central para a criança. Esta relação, chamada de "autoridade amada", por Rudolf Steiner, se estende, no caso ideal, a todos os adultos "dignos". É particularmente importante que ela exista no professor de classe. O que é, então, essa "autoridade" ?

R. Steiner não cansa de descrevê-la. Pode-se dizer que ela constitui uma das suas maiores descobertas antropológicas. Mas para descrevê-la, ele tinha a necessidade de recorrer a um vocabulário comum que costuma designar, via de regra, algo diferente daquilo que ele tinha em mente. Os significados comuns e steinerianos coincidem no aspecto de o adulto poder dizer à criança algo que ela realmente precisa fazer. As diferenças surgem quando se quer investigar o "por quê?"

Normalmente entende-se por autoridade um reconhecimento que se baseia no poder. Quando essa autoridade exterior funciona, o poder não precisa entrar em função, mas o fato de ela poder ser invocada lhe dá o seu fundamento. Fora do espaço da pedagogia, costuma ser chamado por "autoridade" o indivíduo em quem se tem confiança, porque goza de uma certa consideração. Ora, a criança tem, em relação à autoridade, uma confiança cuja base é diferente daquela que um adulto desenvolve, por exemplo, em relação a um cientista. Convém compreender a base dessa confiança.

O imperador Augustus indicou em seu testamento, na parede de um templo, na cidade moderna de Ankara (Monumentum aeneum), duas formas de poder: "auctoritas" e "potestas". "Potestas", o poder, não cabe na Pedagogia. Procuremos então entender como a mentalidade de uma criança, a "auctoritas", a autoridade. Ela designa uma relação que é reconhecida espontaneamente por quem a sente. Ela não pode ser imposta pela força por aquele que a exerce. R Steiner descobriu que a criança sábia sente, de uma maneira elementar e sábia, a necessidade de tal liderança. Ela se colocará, quase que instintivamente, em tal relação diante de qualquer professor. De início, essa relação se manifesta como um "apoiar-se" indiscutível, mais tarde, aproximadamente a partir do 9º ano de vida, essa relação é permeada por um sentimento de delicada afeição. A criança sente o desejo de levantar os olhos para um adulto, e o adulto se mostrará digno dessa veneração, na medida em que ele próprio estiver empenhado em um constante aprendizado. A busca incessante e a vontade de sempre aprender, constituem meios pedagógicos muito eficientes. Correspondem ao desejo da criança de amar seu mestre, pois ela sente e adivinha o caráter íntimo de um adulto com um acerto assombroso.

Por enquanto, só a organização física e etérica da criança está disponível para ser usada, por isso aparecem instintos que decorrem dessa parte disponível. A partir do 7º ano de vida, a ligação com os pais é completada por uma disposição mais sutil, exclusiva do homem, para se ligar a outras pessoas com as quais se dispõe a ter uma afinidade anímico-espiritual. Essa afinidade é esperada pela criança nas profundezas da sua alma quando ela vem a conhecer uma pessoa e, a seguir, um número maior de pessoas no momento de entrar na escola. Ela está ansiosa por ter essa relação, pois ainda não possui um organismo intelectual bem desenvolvido nem uma sensibilidade artística individual, seus sentidos ainda precisam ser treinados. O corpo etérico ainda não está bem plasmado e o corpo astral ainda não se libertou. Em seu interior, a criança está cheia de expectativa, esperando que o professor perceba, no lugar dela, a realidade do mundo exterior e a

revele para ela. Ela confia inteiramente no julgamento do professor. Essa confiança inata só pode surgir no ser humano, pois ele quer, no fundo, relacionar-se como seu passado. Essa relação tem um caráter cármico, se não houver problemas. Pode ajudar-nos a idéia de que existe, desde há muito tempo, uma relação cármica entre os professores e as crianças e que estas "querem" ser alunos justamente desse mestre, de acordo com o seu plano de vida. Em inúmeras outras escolas há uma troca de professores depois de poucos anos, para que não se estabeleça um vínculo. O professor Waldorf, ao contrário, procura manter a colaboração necessária e proveitosa com a sua classe durante muito tempo.

É uma tarefa essencial do professor dessa faixa etária, corresponder na medida do possível a esse anseio da criança. A criança muito lhe perdoará se tivera sensação de estar sendo percebida, compreendida e amada por ele. O adulto deve respeitar o ser humano em evolução, se o seu trabalho é para ser fecundo. A criança sente uma profunda satisfação quando o professor leva a sério as suas próprias palavras e instruções e espera que elas sejam executadas. Se não o faz, destrói a sua própria autoridade. Quando possui uma segurança tranqüila e até, bondosa, a classe se sente protegida sob a sua direção. Ela agüentará, eventualmente, uma atitude menos calma da autoridade, quando o professor for capaz de responder com fantasia e humor a eventuais tolices ou malcriações. Mesmo o professor amado precisa ter consciência de que seus alunos sempre procuram sentir os limites e pôr à prova a sua paciência. A cada vez que o professor corresponde a esses "testes", a confiança dos alunos aumenta. Eles agüentam mesmo uma punição, desde que seja justificada e permita sentir que a atitude está fundamentada no amor e na compreensão.

Ora, a experiência prática parece, cada vez mais, revelar o contrário. Parece diminuir a disposição para aceitar instintivamente a referida autoridade. Muitos professores relatam como é difícil e demorada a integração de uma classe recém constituída, no relacionamento que se espera. Isso certamente é correto. Mas ao julgar tal situação, que exige do professor um comportamento adequado, é necessário lembrar que a nossa pedagogia precisa sempre ter um efeito terapêutico. A constatação que a autoridade deixou de ser algo óbvio, revela que uma lei fundamental está sendo violada. Aceitar essa perturbação como base do nosso comportamento equivale a reconhecê-la como algo natural. Os nossos esforços deveriam ser dirigidos a uma recuperação do que deixou de existir. Isso torna a nossa tarefa mais difícil, mas também mais premente. A perda de respeito não é compensada por qualquer impulso positivo; só resta o caminho de desenvolver pacientemente uma nova relação sadia.

Parece que, no tempo de R. Steiner, a situação era semelhante. Na vida pedagógica prática, também já existiam classes que aparentemente não mostravam o fervor que delas se esperava. Nesses casos, R. Steiner deu o conselho para não desesperar e ter confiança em uma evolução, que talvez ocorreria dentro de meses. Ele achava que a perseverança do professor daria em um resultado positivo. Ele não apontava para medidas exteriores capazes de restabelecer uma relação de autoridade, mas para uma atitude de paciência e para um trabalho interior do professor em si próprio. Temos a tendência de ver as crianças do passado como figuras ideais, mas elas, com certeza, já sofriam prejuízos culturais iguais àqueles que se fazem sentir atualmente, embora certamente de outras formas.

Nada levou R Steiner a questionar o princípio fundamental da autoridade. Ele sabia que toda a criança tem na alma o desejo de poder se submeter a uma autoridade, mesmo se o seu comportamento exterior pareça indicar o contrário.

Observando os aspectos particulares do segundo setênio, percebem-se ainda nos primeiros dois ou três anos os ecos da época anterior e, nos últimos dois ou três anos, já os prenúncios do terceiro. A época dos sete aos

nove anos é a transição da idade da criança pequena para infância, e a dos 12 aos 14 anos já anuncia a puberdade. Os conteúdos que aqui se seguem acompanham essa divisão.

Rudolf Steiner freqüentemente tem chamado de "Rubicon" o limite dos 9 anos de idade; essa expressão pressupõe que se tenha um pouco de formação clássica e não deve ser usada sem aspas. Ele se referia dessa maneira à passagem de um estado anímico a outro, caracterizado por uma relação mais consciente com o mundo. Antes desse hiato, o relacionamento da criança com o mundo é caracterizado por uma autoconsciência ainda reduzida. Ela ainda se identifica, inconscientemente, com as coisas e com as pessoas ao seu redor. Mas aos 9 anos de idade, ocorre uma mudança: a criança fica mais distanciada, ela se vivencia, em contraste com o mundo, os objetos tomam-se mais "objetivos" no mesmo sentido em que são para os adultos. Em comparação com a puberdade, essa crise é apenas pequena, mas ela separa, de modo significativo, os três primeiros anos na escola dos anos seguintes. O estilo e os conteúdos do ensino precisam mudar de acordo com este aspecto.

A segunda mudança, durante o período do professor de classe, pode ser chamada de limiar da puberdade, ou de pré-puberdade. Mais uma vez, ocorre uma diminuição considerável da total entrega e começam a surgir algumas críticas. A transformação do corpo torna-se visível, muito antes que sejam percebidas as reações anímicas. Os meninos e as meninas seguem tendências diferentes, sendo que estas estão à frente no crescimento. Do lado psíquico ocorre uma certa caotização, mas há também um aumento da sensibilidade. Os jovens começam a julgar intelectualmente e essa capacidade passa a ser exercitada fortemente, em particular durante a época do 8º ao 9º ano da escola. O pensar lógico está quase totalmente disponível e argumentar se torna uma paixão. O professor deve mudar de atitude para poder enfrentar a nova situação, ele deve ser capaz de pensar logicamente, de concatenar causas e efeitos, pois é isso o que os alunos querem aprender com ele.

"Imagens", eis a palavra-chave para o trabalho durante todo o segundo setênio. Quando as memórias de acordo com os períodos mencionados anteriormente, podemos ver o seguinte: de início, elas assumem o estilo dos contos-de-fada, das lendas, das fábulas, a natureza e a imagem são uma coisa só, o próprio mito é a realidade vivenciada. Entre o 9º e o 12º ano de vida, a imagem é vivenciada como complemento do mundo sensorial, ela é a essência que se acha por detrás do fenômeno. A alma da criança pode viver nas imagens porque ela quer chegar à essência das coisas. Na terceira fase, torna-se nítida a separação entre o mundo e a imagem, mas a alma pode expressar-se por meio de imagens; as crianças aprendem como ela, a alma, pode expressar-se por meio de imagens conceituais. O pensamento ainda pode ter o caráter de imagens a um ponto tal que o adolescente e mesmo o adulto precisam lutar para conseguir fazer delas uma expressão da verdade. Tais imagens do 2º setênio podem e devem constituir imagens verdadeiras, de tal monta que, podem submergir na alma e lá permanecer adormecidas durante muitos anos.